



Este suplemento faz parte integrante do Jornal Económico N° 2133 não pode ser vendido separadamente

18 fevereiro 2022 **Especial** | 1



Economia Circular

RUMO A UM FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL

A economia circular é cada vez mais uma prioridade para as empresas portuguesas. Neste Especial, contamos-lhe o que está a mudar na forma como as empresas e o sector financeiro estão a preparar-se para um futuro mais sustentável.

PORTUGAL

Empresas já estão a adotar medidas para promover a economia circular ■ P2

EMPRESAS

Startups impulsionam transição para a economia circular ■ P4

COMPETÊNCIAS

'Empregos verdes' criam oportunidades à formação ■ P6

SECTOR FINANCEIRO

Financiamento bancário para a circularidade vai disparar ■ P8

FÓRUM

Quais são as principais vantagens da aposta numa economia circular em termos ambientais? ■ P10

PUB



marinhas®
TRADICIONAL DESDE 1954

253 961 176

www.lmarinhas.pt



ANÁLISE

Empresas nacionais já estão a adotar medidas para promover a economia circular

Várias empresas nacionais já estão a acelerar a implementação de medidas para promover a economia circular. Poupança de água, diminuição de uso de plástico e uso de renováveis são algumas das boas práticas.

ANDRÉ CABRITA-MENDES
amendes@jornaleconomico.pt

Portugal vai ter de acelerar o passo para cumprir os objetivos europeus para a economia circular.

As metas são claras para os próximos anos: o país vai ter de reciclar, pelo menos, 65% das suas embalagens, com este valor a aumentar para 70% em 2030. Já a reciclagem de vidro vai ter de atingir a meta de 70% até 2025, mais 16% face aos valores estimados para 2021, segundo dados da Novo Verde, sociedade gestora de resíduos de embalagens.

Várias empresas nacionais estão a liderar por exemplo e já estão a aplicar medidas para promover a economia circular.

Nos supermercados da Jerónimo Martins, um dos focos é precisamente o combate ao desperdício alimentar: “temos a meta de alcançar até 2030 a redução para metade do desperdício alimentar que geramos. Entre 2015 e 2020, nos três países em que estamos presentes (Portugal, Polónia e Colómbia), doámos 76.600 toneladas de alimentos a instituições de solidariedade e aproveitámos 102.000 toneladas de fruta e vegetais “feios” para as sopas produzidas nas nossas cozinhas, os produtos de 4ª gama (lavados e preparados para sopas e saldas), e também, para outros produtos destinados ao canal Horeca (através da nossa cadeia grossista Recheio). Além disso, desenvolvemos – no Pingo Doce desde 2019 e na Biedronka desde 2020 – a venda com desconto de produtos alimentares que estão perto de atingir o prazo de validade, de forma a incentivar a sua venda e evitar que se transformem em desperdício”, explica Fernando Ventura, responsável pelos projetos de inovação ambiental do grupo de distribuição.

A Jerónimo Martins também

está atenta ao ecodesign de embalagens, projeto iniciado em 2010 e no espaço de uma década já foram poupados “cerca de 27.500 toneladas de materiais, evitando a emissão de cerca de 4.500 toneladas de CO2 (em transportes) através da melhoria da ecoeficiência das embalagens em mais de 534 referências de marca própria. Entre alguns exemplos de intervenção de ecodesign nas embalagens, merece destaque a eliminação, em Maio de 2021 pelo Pingo Doce, das palhinhas de plástico da totalidade das suas bebidas de marca própria. Isto permitiu uma poupança de 15 toneladas de plástico por ano”.

Um dos projetos destacados pela empresa é a solução de (re)encimento de garrafas de plástico reu-

tilizáveis. “No final de 2020, a garrafa ECO estava em 138 lojas, evitando o consumo de 73 toneladas de plástico”.

Em termos de embalagens reutilizáveis, a empresa afirma que procura reutilizar materiais nas suas operações, sempre que possível: “no Pingo Doce e no Recheio, a utilização de caixas de plástico reutilizáveis nas áreas de Perecíveis fixou-se em 39,1 milhões de unidades; na Ara, recorremos a caixas de transporte reutilizáveis para água engarrafada e para fruta e legumes (mais de 4,2 milhões de unidades, um aumento de 50% face a 2019); na Biedronka, e para produtos de padaria, recorremos a 27,5 milhões de caixas de transporte reutilizáveis. Com esta opção, e no total, evitámos a utilização de mais de 35 mil toneladas de embalagens descartáveis”. Já a “Biedronka e o Pingo Doce lançaram sacos reutilizáveis de fruta e legumes em poliéster, encorajando os consumidores a preferi-los em detrimento dos sacos de plástico descartáveis”.

Também na Sonae MC estão a ser tomadas várias medidas: “Destacaria a alteração que fizemos no packaging da roupa de cama da Kasa, que permitiu eliminar o uso de plástico, à semelhança do que já tínhamos feito com as embalagens das lâmpadas da marca Continente. Na área alimentar, salientaria o papel pioneiro que o Continente teve ao ser a primeira marca portuguesa a fixar as tampas às garrafas de água, assegurando deste modo que as mesmas não são perdidas no sistema e que são efetivamente recicladas”, explica Mariana Silva, diretora de sustentabilidade da empresa.

“De igual modo, o foco na circularidade tem-nos permitido inovar ao nível dos produtos. As velas Continente Eco, produzidas a partir de óleos alimentares reciclados, as mochilas notel, feitas com tecido 100% reciclado a partir de gar-



Fernando Ventura
Eficiência e Inovação
Ambiental da Jerónimo Martins



Mariana Silva
Diretora de sustentabilidade
da Sonae MC





Bloomberg

rafas de plástico, ou os sacos do lixo Continente, produzidos com plástico recolhido na nossa operação, são alguns exemplos de produtos circulares desenvolvidos pelas nossas equipas”, acrescenta a responsável da Sonae MC.

A inovação vai mesmo mais além, como no reaproveitamento do excedente de produção. “Transformamos o excedente de produção das maçãs e peras IGP em snacks de fruta desidratada ou em sumos naturais que levam apenas estas frutas espremidas, sem qualquer adição de açúcar ou água. Mais recentemente, através da “Feira do Desperdício” do Clube de Produtores Continente, juntámos 5 produtores de maçã de alcobaça com um parceiro industrial para produzir um produto de valor acrescentado, o Vinagre de Sidra Maçã de Alcobaça Continente, com fruta fora de calibre ou que, pelo seu aspeto, não seria valorizada em fresco (“fruta feia”).”

No sector da hotelaria, os hotéis Vila Galé contam com “locais de armazenagem de resíduos resguardados, impermeabilizados e arejados e uma triagem e encaminhamento para destinatários licenciados” e “algumas unidades utilizam compactadores de resíduos, por forma a evitar o maior número de recolhas e transporte”, explica Reinoldo Silhéu, diretor de Qualidade, Ambiente e Segurança.

Simultaneamente, o grupo procura “diminuir a produção de resíduos, dando preferência a produtos a avulso quando possível”. As embalagens são reutilizadas e foi eliminado o uso de plásticos de utilização única. Até as borras de café são utilizadas nas hortas biológicas e jardins dos hotéis.

Em termos de energia, as renováveis já são usadas em várias unidades: solar térmico e solar fotovoltaico. As águas das limpezas dos filtros das piscinas e dos jacuzzis são reaproveitadas para rega. Já nos escritórios, o uso de papel é eliminado, sempre que possível, com primazia para o digital. Desperdício na cozinha? A empresa também reaproveita alimentos (como frutas e legumes) para compotas e bolos. A ação da empresa também estende-se ao lado social: “recorremos a canais de doação de alimentos nas regiões onde temos hotéis, e doamos roupas (toalhas/lençóis/ cobertores), colchões e outros artigos para algumas entidades”.

Analisando as metas a que Portugal está sujeito, assim como os seus parceiros europeus, a presidente da sociedade Ponto Verde, Ana Trigo Morais, considera que a sua “existência é fundamental, são uma driving force da mudança. Temos, por exemplo, a grande meta estabelecida pela Europa para Portugal de chegar a 65% de reciclagem de embalagens colocadas no mercado até 2025. Também a diretiva de Plásticos de Uso Único (SUP), recentemente transposta para os estados-membros da UE e em vigor em Portugal desde 3 de julho do ano passado, vem regulamentar a melhor utilização deste material”. ■

ANÁLISE

Portugal tem de acelerar na economia circular

Gestoras de resíduos pedem mais ambição e foco para o país cumprir as suas metas na economia circular nos próximos anos.

Portugal precisa de mais ambição na economia circular. O país precisa mesmo de acelerar para cumprir, e bem, as metas previstas para os próximos anos, segundo as entidades gestoras de resíduos.

A Sociedade Ponto Verde (SPV) defende que “Portugal em geral deve ser muito mais ambicioso”. “No que diz respeito ao sector das embalagens, a ambição dos seus atores deu frutos, precisamos que os bons resultados das embalagens sejam acompanhados pelos fluxos que não cumprem as suas metas. Este é o único fluxo de resíduos urbanos a cumprir as metas nacionais para a reciclagem (55%), e nos casos do plástico do papel-cartão são mesmo ultrapassadas”, segundo Ana Trigo Morais presidente da SPV.

“Precisamos, no entanto, de continuar a ser ambiciosos para chegarmos aos 65% de reciclagem de embalagens. Neste sentido um bom exemplo desta ambição foi o compromisso recentemente assinado pelo sector do vidro em alavancar as metas de reciclagem para 2025 (70%) atuando em eixos prioritários que vão dos sistemas de recolha à comunicação e sensibilização. Tudo isto se faz também com o apoio do Governo e das autoridades públicas sendo necessário um quadro de atuação das empresas mais estabilizado, com uma compliance ambiental que seja racional do ponto de vista económico”, segundo a gestora.

Por sua vez, a Novo Verde - Sociedade Gestora de Resíduos de Embalagens destaca que o “foco não deve ser exclusivamente as metas. É necessário melhorar a qualidade dos materiais encaminhados para reciclagem, nomeadamente ao nível do plástico. Só assim podemos ter reciclados de alta qualidade com aplicações em produtos de alto valor acrescentado. Apesar de existir no território nacional capacidade tecnológica de triagem instalada, a qualidade dos materiais reciclados a partir dos resíduos de embalagens é muitas vezes insuficiente para permitir o fecho do ciclo dos materiais. Esta situação é ainda mais agravada no caso dos materiais em que as taxas de reciclagem não são atingidas, pois o foco está no aumento de quantidades a recolher. Portanto, é importante não esquecer a qualidade dos materiais de embalagem colocados no mercado, que facilitem a reciclagem. E aqui as empresas embaladoras e o consumidor final têm um papel importantíssimo, pois tem a capacidade de escolha e de in-

fluência nos seus fornecedores a montante da cadeia”.

A Novo Verde aponta que a nível público “interessa assegurar, do ponto de vista ambiental, a manutenção de elevadas taxas de recolha, reciclagem e de tratamento. Do ponto de vista económico, interessa assegurar que os custos de recolha, reciclagem e tratamento são os mais ajustados possível para os produtores. E, por último, do ponto de vista técnico, interessa assegurar a satisfação global de todos os stakeholders e aumentar o potencial de inovação e sensibilização. O desafio é conseguir equilibrar estes 3 fatores”. O sector privado, por seu turno, “terá que responder às exigências regulatórias que lhe são impostas, mas também estimular a procura de reciclados de alta qualidade para as embalagens que coloca no mercado, dando assim resposta às escolhas cada vez mais exigentes de consumidores ambientalmente conscientes”.

Já o Electrão - Associação de Gestão de Resíduos destaca que “existem um conjunto de objetivos que expressam uma ambição política europeia e que estão patentes no “Circular Economy Action Plan”. Naturalmente, os sistemas de reciclagem de embalagens, equipamentos elétricos, pilhas usadas, pela importância, têm metas muito concretas de recolha e reciclagem destes resíduos. O Electrão vê por isso acrescida a responsabilidade que lhe foi atribuída, por participar nestes três sistemas de reciclagem em Portugal, reconhecendo os enormes desafios que ainda subsistem para o cumprimento destas metas”.

“De qualquer forma é importante percebermos que, para além da ambição política, os resultados nacionais em matéria de reciclagem dependem de um conjunto de agentes económicos bastante diverso entre os quais destacamos, os cidadãos e as empresas enquanto produtores de resíduos, condição essa que lhes permite na origem do sistema um maior compromisso para com a reciclagem”, segundo a associação. ■ ACM



Ana Trigo Morais
Presidente da Sociedade Ponto Verde

EMPRESAS

Startups impulsionam transição para a economia circular

Skizo, Too Good To Go, Matter e The Loop Co são quatro jovens empresas europeias com histórias para contar sobre a reciclagem, a reutilização e o combate ao desperdício de alimentos, resíduos e materiais. Conheça as ideias que estão a ter impacto social e ambiental.

MARIANA BANDEIRA
mbandeira@jornaleconomico.pt

Reaproveitar resíduos do café, reciclar peças de um telemóvel avariado ou reutilizar o plástico que de outra forma iria parar aos caixotes ou oceanos requer, mais do que investimento, uma mente empreendedora. Ana Lima, fundadora da startup Matter (ver caixas ao lado) teve uma ideia de negócio com impacto ambiental há exatamente dez anos, quando um amigo lhe mostrou os remanescentes da produção de azeite, o que sobrava do processo e era automaticamente descartado. Hoje, a empresa do Porto reaproveita os restos destas matérias-primas para criar peças de design e decoração com texturas diferenciadoras, levando a economia circular a um sector para quem novos materiais nunca são em demasia: o da construção e arquitetura.

Na indústria da moda, a Skizo enfrenta o mesmo repto e, diariamente, trabalha para transformar garrafas sem futuros em sapatos. André Facote, cofundador e CEO, e Andreia Coutinho, confundadora e diretora de Marketing, dizem ao Jornal Económico (JE) que as novas tecnologias estão a ajudar na transição energética de um dos sectores mais poluentes do planeta, o da moda. “Colocam ao dispor ferramentas para todos os gostos, desde a abertura de uma loja online visível em todo o mundo mas também ferramentas de inteligência artificial e *machine learning*, que ajudam na diminuição da poluição. Apesar de ainda estarmos a navegar na digitalização, acreditamos que a Revolução 5.0 será a revolução de produção personalizada (*mass customization*), pois desde a nossa formação que só produzimos os produtos que são encomendados pelos clientes, prevenindo a existência de stock, desperdício têxtil e utilização de recursos desnecessários”, anteveem.

Um recente estudo da União Europeia concluiu que as empresas que trabalham em prol da economia circular enfrentam diversos desafios comuns, entre os quais está a falta de cultura ambiental

das empresas, a escassez de apoio financeiro e a carência de capacidade de integrar legislação adequada nos seus modelos de negócios. Ademais, apesar de haver uma grande quantidade de financiamento disponível para as micro e pequenas e médias empresas (PME), sobretudo através de fundos públicos e privados disponíveis para atividades de economia circular, uma proporção significativa ainda depende do autofinanciamento, segundo o relatório Cross-KIC, apresentado no início deste mês.

De acordo com o estudo elaborado pelo Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia (EIT), a aceleradora Building Global Innovators (BGI) e a Universidade Católica Portuguesa, entre 2016 e 2020 foram investidos 28,77 bilhões de euros em economia circular, sendo que as startups europeias revelaram ter maior foco na economia circular (3%) do que as norte-americanas (2%) e as que estão localizadas na região da Ásia-Pacífico (1%).

“Acreditamos que cooperação e consciencialização são palavras-chave para uma economia circular. Focada em soluções e não no problema, a Too Good To Go criou um *marketplace* digital que dá uma nova oportunidade ao excedente de alimentos, aos produtos que as empresas teriam de deitar fora de um minuto para o outro sem qualquer consideração pela sua qualidade, ainda elegível. Sendo um dos princípios básicos do propósito da economia circular que a mesma preveja a extinção do conceito de lixo, focamo-nos na redução do desperdício, através da maximização do período de vida útil dos produtos, neste caso alimentares, na sua cadeia de valor”, explicam ao JE os porta-vozes da dinamarquesa Too Good To Go, que trabalha lado a lado com empresas do ramo da restauração ou retalho. Para a app de combate ao desperdício alimentar, fundada em 2016, “manter as coisas simples e acessíveis” é um dos seus principais valores, o que a leva a disponibilizar uma solução tecnológica aos parceiros (restaurantes, cafés, fábricas...), que lhes permite ter uma

maior visibilidade da quantidade de excedente alimentar em loja, dando-lhes de imediato, outro rumo.

A The Loop Co faz o mesmo, através do comércio eletrónico (*e-commerce*) e, a partir daí, das necessidades de mercado. “Se o básico da digitalização é tornarmos os processos *paperless*, então imagine o que é possível atingir com um maior investimento nesta área. Uma mensagem-chave de qualquer desenvolvimento tecnológico deve ser sempre a de tornar a nossa vida e dia a dia mais simples e eficaz, sem nunca retirar a preservação ambiental da equação. Claro que nem toda aplicação de novas tecnologias é sustentável, mas se houver um equilíbrio entre ambos e um incentivo para as empresas investirem de forma responsável, então acredito realmente que este potencial seja ilimitado”, completa João Rodrigues, diretor de Tecnologia da The Loop Co, em declarações ao JE.

No quadro das seis comunidades de conhecimento do EIT (matérias-primas, clima, digital, alimentação, indústria e mobilidade urba-

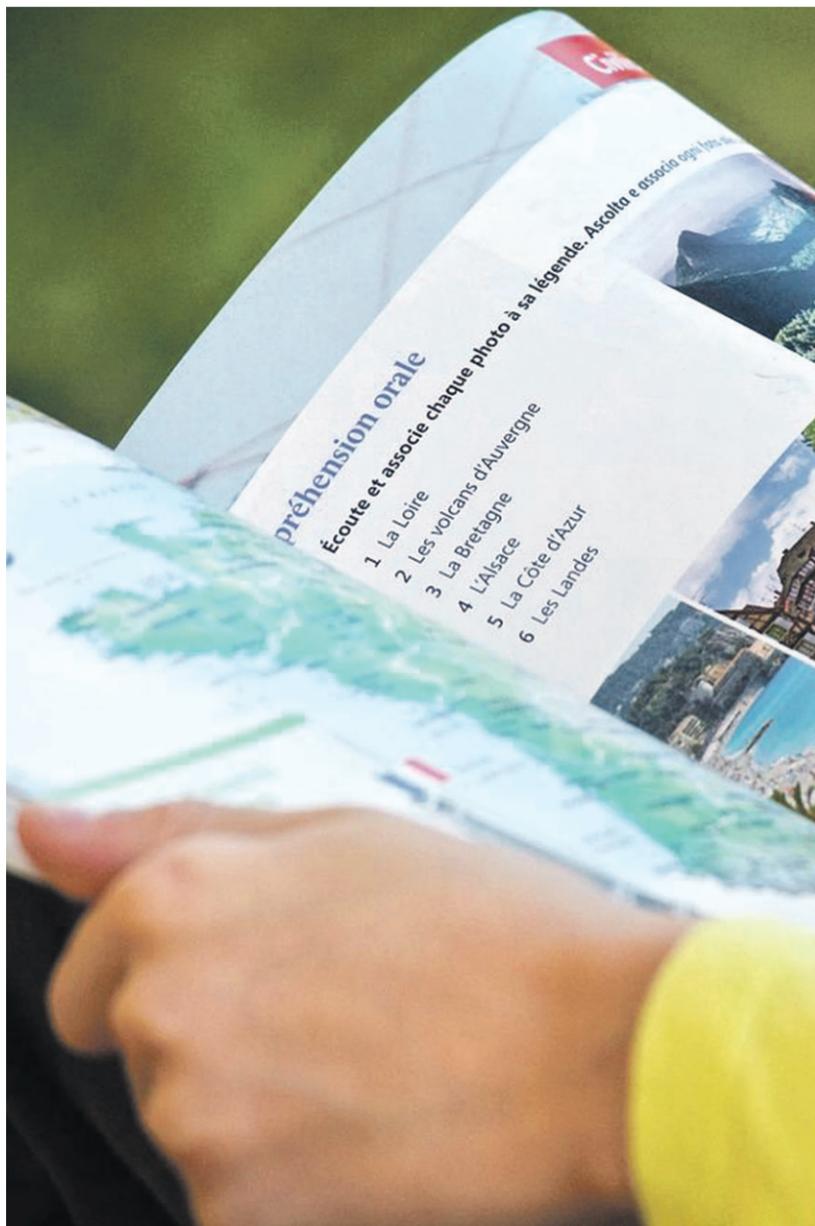
na), menos de 50% das atividades de apoio às PME por si feitas estão relacionadas com a economia circular. Ainda assim, as startups que participaram no inquérito do instituto, da BGI e da Católica afirmaram que estes grupos europeus estão a contribuir para melhorar as práticas de economia circular, atribuindo-lhes uma pontuação de 6,9 numa escala de 1 a dez. Para o futuro, os autores do relatório recomendam o alinhamento das empresas com os princípios de economia circular e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, a capacitação e conscientização das mesmas sobre estes princípios através de formações e workshops, a medição e monitorização do progresso das PME nestas agendas e a vinculação dos objetivos das empresas aos incentivos.

Por cá, uma das ferramentas tecnológicas à disponibilidade das empresas é da Associação Empresarial de Portugal (AEP), que agora está a medir o nível de descarbonização e investimento na economia circular das organizações. O projeto EcoEconomy 4.0 pretende apurar o grau de maturidade das empresas nacionais nestas áreas. “Se os planos nacionais de recuperação e resiliência vão dedicar cerca de 37% dos gastos a investimentos e reformas que apoiam os objetivos climáticos, o EcoEconomy 4.0 vem ajudar a potenciar o cumprimento das metas ambientais, mostrando às PME a importância de adotarem comportamentos numa lógica de economia regenerativa”, garantiu o presidente da AEP, Luís Miguel Ribeiro, aquando do lançamento da plataforma no início deste mês.

“A digitalização massiva e integrada de sistemas, a Internet das Coisas, o Big Data, a fabricação flexível e a robótica colaborativa permitem-nos olhar para a sustentabilidade não unicamente como um custo ou um peso para a economia, mas como uma grande oportunidade de criar modelos de negócios interessantes do ponto de vista ambiental e económico. A tecnologia tem um potencial quase ilimitado no contributo para um futuro mais sustentável”, conclui o empreendedor João Rodrigues. ■

As pequenas empresas europeias têm maior foco na economia circular (3%) do que as norte-americanas (2%) e as que estão localizadas na região da Ásia-Pacífico (1%), conclui estudo





Too Good To Go

A Too Good To Go nasce de um movimento de combate ao desperdício alimentar e hoje é uma aplicação móvel para salvar excedentes alimentares de restaurantes, pastelarias ou mercearias, na qual as pessoas podem recolher uma "magic box" com refeições de boa qualidade que iriam para o lixo caso não fossem vendidas nestas condições, a preços mais baixos. Presente em 17 países na Europa, Estados Unidos e Canadá, a empresa tem hoje uma comunidade de 50 milhões de utilizadores, sendo que em Portugal já ultrapassou um milhão. "Apostar num consumo responsável e repensar hábitos de consumo, são passos importantes numa sociedade que precisa de avançar para um modelo mais sustentável. A internet é, inegavelmente, um canal de comunicação de eleição e faz parte do quotidiano das pessoas, portanto é esperado que surjam cada vez mais tecnologias inovadoras e novos modelos de negócio, que causem mudanças tanto na produção como no consumo. Não somos uma food app normal, e para nós é importante que tanto utilizadores como parceiros percebam a nossa missão e intenção", explica fonte oficial. ■ MB

Skizo

"Quantas vezes já caminhamos na praia e vimos um pedaço de plástico e fingimos que não vimos porque não era nosso? Quantas vezes removemos algum plástico enquanto nadávamos no mar? Até que estávamos na praia com o nosso filho de dois anos, e ele, como qualquer outra criança da sua idade, começou a colocar na boca tudo o que encontrava na areia". É assim que começa a história da Skizo, pelas mãos de André Facote e Andreia Coutinho, que consiste numa marca de sneakers com plástico recolhido do mar e transformado em fio têxtil, 100% produzido em Portugal. Cada par de ténis contém aproximadamente meio quilo de plástico, o que representa cerca de 36 garrafas de plástico. "Até ao momento não tínhamos disponível qualquer peça de roupa que pudesse colocar em causa a produção de microplásticos, mas com os nossos sacos coletores de microfibras para as máquinas de lavar roupa conseguimos uma solução para disponibilizarmos também outras peças de roupa abrindo assim um vasto leque de oportunidades", contam ainda os cofundadores. ■ MB

The Loop Co

Com a economia circular no ADN, a portuguesa The Loop Co detém de diferentes plataformas de compra e venda de bens em segunda mão, alegando garantias de qualidade de todos os produtos que vende. Em 2017, a startup de Coimbra lançou o seu primeiro projeto, "Book in Loop", destinado à compra e vendas de manuais escolares usados e menos de dois anos depois apostou no mercado da puericultura (artigos para bebé) com a "BabyLoop", um marketplace no qual as mães e os pais podiam comprar carrinhos e berços para reutilizar a preços mais baixos. A empresa liderada por João Bernardo Parreira 2020 prepara-se agora para lançar o primeiro centro de logística inversa da Península Ibérica, no distrito da Guarda, para escalar a distribuição de artigos desta natureza. A The Loop Co é ainda a autora da tecnologia por detrás da aplicação que permite aos portugueses reciclarem embalagens de plástico e trocá-las por pontos em 33 supermercados (Continente, Pingo Doce, Auchan, Supercor e Intermarché) que dão prémios ou doarem para instituições de solidariedade. ■ MB

Matter

Pertencente à comunidade da incubadora Casa do Impacto, a Matter é uma startup de *cleantech* ("tecnologia limpa") que disponibiliza soluções premium de design e arquitetura, através da utilização de subprodutos e resíduos orgânicos. Fundada por Ana Lima a partir de uma ideia tida em 2012, a empresa do Porto pretende que se olhe para os resíduos produtos conscientes, uma fonte de valor e significado que podem contar uma história na decoração ou construção de uma casa, por exemplo. "A Matter está alinhada, desde a sua génese, ao conceito de economia circular ao reutilizar resíduos que são descartados pelas empresas que os geram. Transformamos resíduos de produção dos nossos produtos mais especiais, como o café, chocolate ou o vinho em novos materiais e produtos sensoriais para serem aplicados em interiores. Fazemos materiais honestos, que substituem matérias-primas virgens e que, no final, conseguem despertar emoções e informar o cliente final, numa época em que «quanto mais digitais as nossas vidas se tornam, mais ansiamos pelo físico»", diz a empreendedora, citando a célebre designer britânica Ilse Crawford. ■ MB

COMPETÊNCIAS

‘Empregos verdes’ criam oportunidades à formação

A procura por competências na área da sustentabilidade é crescente e as universidades ajustam a oferta formativa a essa realidade, seja com novos lançamentos, seja através da inclusão de soluções novas nos programas existentes.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

As empresas de recrutamento especializado confirmam: os empregos na área da sustentabilidade estão a crescer. A Michael Page tem atualmente várias posições em aberto, sobretudo perfis especializados para funções de direção. Quem procura são empresas de energias renováveis e organizações não governamentais, mas, no geral, a dinâmica estende-se aos sectores industrial, energético, ‘smart solutions’ e mobilidade.

“A necessidade de ir ao encontro das expectativas dos ‘stakeholders’ e do público está a incentivar as empresas a assumir a sustentabilidade como um compromisso corporativo”, afirma João Bernardo Gonçalves, senior manager da Michael Page Portugal. E justifica: “os objetivos de sustentabilidade global e de combate à pandemia estão a reforçar esta tendência, assim como a necessidade de uma nova liderança num ambiente empresarial em constante mudança”. Por essa razão, além da criação de novas posições relacionadas com a sustentabilidade, os managers das empresas estão a assumir cada vez mais este compromisso, adianta.

Ao Jornal Económico, Carlos Maia, Regional Director da Hays, outra das empresas de recrutamento qualificado a operar em Portugal, fala num novo mundo de oportunidades. “A economia circular, além do seu impacto a nível ambiental, tem também impacto na economia e na criação de emprego, uma vez que potencia a criação de novos modelos de negócio e novos projetos”, afirma, lembrando que dados da Comissão Europeia apontam para a criação de cerca de 36 mil postos de trabalho em Portugal até 2030.

Na equação entra agora o Plano de Recuperação e Resiliência: 16,6 mil milhões de euros que têm que cumprir com a taxonomia da União Europeia, que o mesmo será dizer só poderão financiar projetos que não danifiquem significativamente o ambiente. “Estão previstas diversas reformas e investimentos, destinados a promover o crescimento económico do país que exigirão às empresas um aumento de recursos humanos para dar resposta a estes projetos”, salienta Carlos Maia.

O PRR terá assim impacto na criação de emprego verde. Energia, hidrogénio e lítio lideram as candi-



Paul Langrock/Zenit

climática e digital, os dois desígnios para o futuro da Europa e que essa ambição é transversal. “A nossa perspetiva – afirma – não é a de um conjunto específico de cursos que formem para empregos verdes, mas antes incluir em toda a nossa oferta formativa os desafios das alterações climáticas e as soluções que todas as áreas científicas, e os essenciais cruzamentos entre elas, podem desenhar”.

Isso implica também, segundo este responsável, “dar um papel ativo aos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo neles uma consciência cívica e vontade de transformação social”. O papel que está no ADN da UA e esta quer continuá-lo a percorrer: há 40 anos, quando o Ambiente ainda não fazia parte da centralidade das questões sociais, esta Universidade foi pioneira, em Portugal, na abordagem pedagógica integrada dos problemas ambientais, que levou à criação, em 1976/77, do primeiro curso de Engenharia do Ambiente no país.

O ISEG é outra instituição de ensino superior que faz da sustentabilidade uma prioridade estratégica. Nessa linha, criou em 2021 um centro de conhecimento – o Sustainable Finance Knowledge Centre, que visa envolver professores, alunos e comunidade empresarial no desenvolvimento de conceitos, ferramentas e produtos financeiros que possam acelerar as práticas de gestão sustentável nas empresas e no sector financeiro.

Sofia Santos, professora do ISEG, explica ao JÉ que “a procura por competências na área da sustentabilidade é crescente”, não existindo um mercado de capital humano com competências para esse fim. Por essa razão, adianta, o ISEG “está focado em promover as competências ‘verdes’ e ‘humanistas’ na gestão e na economia, ‘de forma a poder, efetivamente, contribuir para a criação futura de trabalho digno e próspero’”.

A oferta cobre um leque vasto de formações, que incluem a pós-graduação para a Sustentabilidade, o Master in Management (MiM) e programas de formação para executivos com várias durações. O curso online de Biodiversidade e Empresas, que proporciona a interação de conhecimentos entre biologia, economia e finanças, vai ser relançado este ano. Em 2020 ultrapassou todas as expectativas. Mas haverá mais em breve. ■

daturas às Agendas Verdes, que visam fomentar a economia circular e alavancar o desenvolvimento de soluções para responder às alterações climáticas, e às Agendas Mobilizadoras. Às energias renováveis, como área-berço de “empregos verdes”, Carlos Maia junta também a construção, o imobiliário, a arquitetura e design, a engenharia, a logística e o sector tecnológico.

Face ao escasso número de profissionais com experiência disponíveis no mercado, o responsável da Hays vê como natural que se verifique “uma certa inflação salarial nestes perfis”, um fenómeno que, aiás, salienta, já está a acontecer noutras áreas de atividade.

A resposta das universidades

Que formações há para quem ambiciona um ‘emprego verde’? Jorge Adelino Rodrigues da Costa, vice-reitor para o Ensino e Formação da Universidade de Aveiro, diz ao JÉ que a UA está estruturalmente comprometida com as transições



João Bernardo Gonçalves
Senior manager
da Michael Page Portugal



Jorge Adelino Costa
Vice-Reitor para o Ensino e Formação
na Universidade de Aveiro



Carlos Maia
Regional Director
da Hays



Sofia Santos
Sustainability Champion in Chief
@Systemic e professora de finanças
no ISEG

Por onde
começar
se queremos
mudar
o mundo?



Quanto melhor a pergunta. Melhor a resposta.
Melhor trabalha o Mundo.

 **Parthenon**
Building a better working world

SECTOR FINANCEIRO

Financiamento bancário para a circularidade vai disparar

Banca vai desempenhar um papel fundamental na promoção de práticas sustentáveis por parte das empresas, incluindo na área da economia circular. Empresas mais sustentáveis terão melhores condições de financiamento.

MARIA TEIXEIRA ALVES
mtalves@jornaleconomico.pt

A promoção da economia circular faz parte de uma série de medidas que visam uma mudança de paradigma económico. Na prática, a economia circular propõe que os resíduos de uma indústria possam ser aproveitados como matéria-prima reciclada para outra indústria ou para a própria. Qual é o papel dos bancos? É financiar as empresas para reconfigurarem o seu modelo de produção. O financiamento de projetos de economia circular que surgem como soluções para os problemas da economia linear nas empresas, está na agenda da banca. Para isso as empresas contam com os tradicionais apoios das linhas protocoladas (garantidas pelo Estado) e operacionalizadas pela banca e ainda com o BEI (Banco Europeu de Investimento).

Todos os grandes bancos disponibilizam aos seus clientes a Linha Descarbonização e Economia Circular que visa facilitar o acesso ao financiamento bancário em condições mais favoráveis para as empresas que apostam no desenvolvimento de projetos sustentáveis. Linha essa protocolada e que tem como entidade gestora o Banco Português de Fomento. Foi em 2019 que o Governo lançou uma linha de crédito de 100 milhões para a descarbonização e economia circular. As condições desta linha foram apresentadas pelo Ministro da Economia, Pedro Siza Vieira, e pelo Ministro do Ambiente, João Pedro Matos Fernandes, na cerimónia em que foram assinados os protocolos com os responsáveis dos 10 bancos que operacionalizaram o “novo instrumento financeiro”. A saber: Bankinter; BPI; Caixa Central do Crédito Agrícola; Banco Montepio; Caixa Geral de Depósitos; EuroBic; BCP; Novo Banco Açores; Novobanco e Santander Totta. Tratou-se de uma linha de crédito protocolada entre as Sociedades de Garantia Mútua (Agrogarante, Garval, Lisgarante e Norgarante) e os bancos, e que visou apoiar o financiamento de projetos enquadrados nas categorias de eficiência energética e da economia circular. A linha destinou-se a financiar Micro, Pequenas e Médias Empresas (PME).

Em maio de 2020, BEI lançou uma versão actualizada do seu guia para a economia circular. O docu-



mento reflecte o Plano de Ação para a Economia Circular da Comissão Europeia e fornece indicações sobre a elegibilidade de projectos que promovam a circularidade a financiamento por parte do banco europeu. Este plano consiste num conjunto de 54 ações, que prevê, entre outros, a imposição de restrições aos produtos de utilização única, vulgarmente conhecidos como descartáveis, mas também o combate à obsolescência programada e a proibição da destruição de bens não vendidos.

Entre 2015 e 2019 o BEI financiou 2.452 milhões de euros. Os sectores da indústria e serviços, gestão de resíduos, agricultura e bioeconomia e gestão de águas são aqueles com os valores mais elevados de financiamento atribuído pelo banco. Entre 2021 e 2030, a instituição europeia pretende mobilizar um bilião de euros em investimento nas áreas da ação climática e sustentabilidade ambiental. No guia, o BEI destaca o Fundo Europeu da Bioeconomia Circular, com um orçamento de 250 milhões de euros, que tem como objectivo apoiar projectos de economia circular em áreas tecnológicas, da biomassa ou dos materiais biológicos.

Reconhecer a importância do fi-

nciamento à economia circular passa por analisar as empresas e os projetos para além dos indicadores financeiros. Tal como descreve o BCP, no seu site, a Economia Circular é um conceito estratégico que assenta na redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia, substituindo o conceito de fim-de-vida da economia linear, por novos fluxos circulares de reutilização, restauração e renovação, num processo integrado. “A economia circular é vista como um elemento chave para promover a dissociação entre o crescimento económico e o aumento no consumo de recursos”, explica o BCP.

A banca vai passar a avaliar o risco ambiental das empresas ou

As empresas cujo risco ambiental, social e de governança sejam avaliados de forma negativa poderão ver limitadas as suas possibilidades de acesso a crédito bancário

do investimento ao avaliar os pedidos de crédito. Uma alteração que procura reforçar a adoção de práticas amigas do ambiente pelas empresas e que vem de encontro ao Plano de Ação para o financiamento sustentável aprovado pela Comissão Europeia em 2018. “Esta medida está inserida numa estratégia mais alargada e global que visa adotar medidas válidas para a redução da emissão de gases com efeito estufa”, refere, por sua vez, a CGD no seu site.

Isto significa que as empresas cujo risco ambiental, social ou até de governança sejam avaliados de forma negativa podem ver limitadas as suas possibilidades de acesso ao crédito ou de acesso ao capital. O vice-presidente do BCP, João Nuno Palma, numa entrevista recente ao Jornal Económico, frisou que “as empresas vão ter de fazer alterações aos seus modelos de negócio de modo a tornarem-se mais sustentáveis. O sistema financeiro vai ser um acelerador dessa transição”. “Vamos ter de entender, também, os riscos climáticos inseridos no modelo de negócio do cliente e em que medida este poderá ficar em causa se estes riscos climáticos se realizarem. Ainda chegará a fase em que nós, os bancos, ou não poderemos financiar ou,

por outro, só financiaremos a custos de capital completamente incomportáveis”, alertou João Nuno Palma.

Os bancos portugueses subscreveram a “Carta de Compromisso para o Financiamento Sustentável em Portugal” que visa contribuir para a promoção e o desenvolvimento do financiamento da Neutralidade Carbónica até 2050, onde se insere a questão da economia circular.

Entre Março e julho de 2022 os bancos que pertencem à lista do BCE de bancos de dimensão sistémica, terão de realizar o teste de stress climático. Os principais bancos da zona euro devem indicar “a que ponto dependem de rendimentos” provenientes de indústrias com elevadas emissões de CO2. O questionário do BCE também analisará a quantidade de emissões de gases com efeito estufa que os bancos “financiam”, por exemplo, através de empréstimos.

Entretanto o Conselho Europeu criou o Next Generation EU, conhecido como PRR, e que é um instrumento que visa apoiar os países europeus no relançamento da economia, mas que, em simultâneo, engloba medidas que incentivam a introdução de alterações mais sustentáveis nas economias. ■

medicosdomundo.pt

Mesmo quando
a última porta
se fecha.



O nosso
trabalho continua
do lado de fora.

É fora de portas que diariamente as nossas unidades móveis vão ao encontro da população mais carenciada: pessoas em situação de sem-abrigo, utilizadores de drogas ou idosos. Vamos aos locais onde se encontram e prestamos cuidados básicos de saúde gratuitos, apoio social e medicamentoso, reduzindo riscos e minimizando danos.

**Em 2021: apoiámos perto de 1000 idosos em situação vulnerável;
distribuámos mais de 64 000 unidades de material preventivo;
realizámos mais de 5000 triagens clínicas junto da população em situação de sem-abrigo;
apoiámos directamente mais de 8000 pessoas;
apoiámos directamente mais de 60 000 pessoas nos nossos projectos internacionais.**

Escolha a Médicos do Mundo e ajude-nos a continuar.
Contribua com 0,5% do seu IRS, sem custos para si.

Modelo 3

Quadro 11

Campo 1101

NIF 504 568 566

FÓRUM

Economia circular representa “oportunidades” para Portugal

Os especialistas consultados pelo JE não deixam margens para dúvidas: uma aposta forte no sector poderá atrair mais investimento, criar mais emprego e contribuir cada vez mais para a poupança dos portugueses.

1. Quais são as principais vantagens da aposta numa economia circular em termos ambientais? 2. E que poupanças representam para os portugueses? 3. Como pode Portugal posicionar-se neste sector e liderar a transição para uma economia cada vez mais circular? Que papel desempenha a tecnologia?



SOFIA SANTOS
Sustainability Champion in Chief
na Systemic

1. Uma economia circular significa uma economia que consegue ter resíduos zero. Ou seja, consegue reaproveitar os materiais, reutilizá-los, os resíduos conseguem ser incorporados nos processos de produção de outras empresas, e o volume que vai para aterro é mínimo ou inexistentes. Esta seria a situação ideal, muito difícil de alcançar.

Quais seriam as vantagens deste cenário? Ter uma economia circular implica ser-se mais eficiente, pois não há perdas. Obviamente que implica investimento nos processos e materiais, mas o resultado final, a nível macroeconómico é aumentar a eficiência, ou seja aumentar a produtividade. E quando isso acontece as empresas investem, apostam em mais emprego e na inovação.

Na economia circular, o emprego é mais valorizado do que as matérias-primas, e, como tal, numa economia mais circular são necessários mais empregos e menos gastos na compra de materiais (*commodities*), cujo preço tem estado a aumentar significativamente. São trabalhos que normalmente têm um impacto positivo na contratação de trabalho mais operacional como: reparação e equipamento, setor logística; bem como em trabalhos de maior valor acrescentado como: inovação, economia dos serviços e identificação de novos modelos de negócio (WE Forum, 2017).

Com a reutilização dos materiais iremos emitir menos emissões de CO₂, e como tal existe uma menor pressão a médio prazo, sobre o clima e, consequentemente, sobre os riscos físicos que poderão impactar várias regiões do país e várias empresas.

2. Aumento do Valor Acrescentado Bruto e Aumento do Emprego. Citando o Plano de Ação para a Economia Circular em Portugal “Na UE, as matérias-primas representam entre 30% a 50% dos custos de produção. Melhorar a eficiência e a produtividade no uso dos materiais em 30% até 2030 implicará poupanças anuais na ordem dos 600 mil milhões de euros. Com efeitos multiplicadores, este número pode passar a 1,8 biliões de euros/ano. Por exemplo,

em Portugal (2015), as matérias-primas representam 53% dos custos da indústria transformadora, 42% da agricultura, 37% do setor da energia – uma redução em 30% da Entrada Direta de Materiais (EDM) por via da eficiência e produtividade, ao longo da cadeia de valor, pode conduzir a um aumento no VAB de 3,3 mil milhões de euros” E ainda citando o mesmo documento “Na UE, a adoção das propostas legislativas contidas no pacote de economia circular criaria mais de 170 mil empregos diretos até 2035. E o aumento da produtividade dos recursos em 30% pode conduzir à criação entre um a três milhões de postos de trabalho adicionais até 2030. Já para Portugal, estimativas europeias apontam para a existência de 57 mil postos de trabalho diretos em 2012 relacionados com atividades de economia circular, e 36 mil empregos diretos criados até 2030”

3. Apostar no cumprimento das orientações dadas no Plano de Ação para a Economia Circular, e desenvolver uma verdadeira fiscalidade verde onde se utilize a política fiscal para incentivar a compra e a produção de produtos/serviços com menor intensidade de uso de recursos e com maior reciclabilidade e potencial de reutilização.



JORGE PORTUGAL
Director-Geral
da COTEC Portugal

1. A ideia central é fechar o “loop” de uma economia bloqueada num sistema que favorece o modelo linear de “extracção-produção-consumo-eliminação”. Este bloqueamento está a ser enfraquecido devido a diversas tendências - económicas, tecnológicas, sociais e políticas - que assim estão a acelerar a transição para um modelo industrial eficiente e regenerativo “by design” que não penaliza o crescimento económico. A circularidade permite dissociar o crescimento da produção do consumo de recursos naturais finitos; a vida útil dos produtos é alargada e tendencialmente não há resíduos e poluição, mas apenas subprodutos que não foram ainda convertidos em recursos. Se o conceito está demonstrado do

ponto de vista técnico e de engenharia, o impulso ao crescimento económico é uma promessa ainda por cumprir.

2. O prolongamento da vida útil dos produtos, através da reparação e reutilização, pode trazer vantagens económicas aos consumidores. A questão é se as marcas terão os incentivos para se afastarem do modelo de obsolescência programada e considerarem alternativas como por exemplo não vender o produto, mas o serviço do respectivo “desempenho”.

3. Portugal tem evoluído de forma positiva e tem potencial para crescer a uma maior velocidade, de forma a convergir com a média europeia e corresponder aos grandes objectivos estabelecidos de transição para uma economia regenerativa, de baixo carbono e de recursos renováveis. A produtividade e o valor acrescentado das diferentes actividades que compõem a bio-economia e a circularidade têm vindo a crescer na última década, com destaque na bio-energia; fabricação de pasta - de papel e cartão; produtos químicos, farmacêuticos, plásticos e de borracha bio-baseados; silvicultura e exploração florestal, que apresentam níveis de produtividade acima da média da economia como um todo. A economia portuguesa tem potencial para maior e mais rápida progressão, mas esse potencial tem de ser concretizado através de uma agenda integrada e convergente entre os bio-recursos, circularidade e digitalização, apoiada por investimento em conhecimento, tecnologia e inovação.



HERMANO RODRIGUES
Principal
da EY-Parthenon

1. As alterações climáticas, a escassez de recursos naturais críticos e as crescentes preocupações em matéria de biodiversidade vêm reforçar a imperatividade de uma mudança urgente de paradigma que reformule o binómio produção-consumo. O “Modelo Linear de Produção”, intimamente relacionado com a baixa produtividade dos materiais, conjugado com ciclos de vida

curtos dos produtos e os baixos níveis de recuperação em fim de vida, tem vindo a provocar um desequilíbrio crescente entre os recursos disponíveis no planeta e as atuais e futuras necessidades da população.

A economia circular constitui um modelo económico alternativo ao linear, mantendo os produtos, os componentes e os materiais no seu mais alto nível de utilidade e valor em permanência. A economia circular está, assim, associada a um sistema regenerativo, que procura estrategicamente a prevenção, desmaterialização, redução, reutilização, recuperação e reciclagem dos materiais e energia, maximizando a utilização de recursos e reduzindo a geração de resíduos.

Ao permitir uma dissociação entre crescimento económico e consumo de recursos naturais (*decoupling*), é claro o contributo da transição circular em matéria ambiental, assumindo-se como um elemento central para evitar os danos irreversíveis causados pela utilização de recursos a um ritmo que excede a capacidade da Terra para os renovar.

2. A transição circular está associada a um claro benefício económico, sendo apontada como uma importante fonte de competitividade para o sector produtivo nacional e europeu. De facto, a adoção de práticas circulares, intimamente associadas à recuperação e reintrodução de materiais em ciclos produtivos, reduz os riscos relacionados com a rotura de certas cadeias de abastecimento, com a volatilidade de preços e com a escassez de determinados recursos. Portugal é altamente dependente de outros países para o fornecimento de recursos e energia, pelo que a utilização eficiente e controlada dos mesmos é essencial para a competitividade.

Paralelamente, os mecanismos circulares estão associados a processos produtivos mais eficientes, quer em termos de matérias consumidas quer em termos energéticos, induzindo uma poupança de custos. Neste âmbito, são várias as estratégias circulares adotadas por um número crescente de empresas, destacando-se as simbioses industriais e o estabelecimento de parcerias com outros agentes económicos, a digitalização de processos, a utilização de energias renováveis e a introdução de mecanismos de ecoeficiência, adoção de modelos de produto como serviço (PaaS), a extensão do ciclo de vida de produtos por via do combate à obsolescência programada e recondição e manutenção

preditiva, entre outros. Algumas destas estratégias implicam investimentos, por vezes significativos, mas geralmente apresentam uma rentabilidade atrativa no médio prazo. O Modelo de Economia Circular não está relacionado unicamente com poupanças, mas sim com a criação de valor, tanto económico como ambiental e social. Afirma-se cada vez mais como um fator imaterial de competitividade das empresas.

3. A ambição de promover a transição de uma economia linear para uma economia circular, desacoplando o crescimento económico da utilização de recursos, tem assumido uma posição central no contexto político europeu nos últimos anos. A centralidade desta temática levou a Comissão Europeia a apresentar, em 2020, um novo Plano de Ação para a Economia Circular.

Pese embora a existência de um conjunto de diretivas europeias comuns e harmonizadoras, as particularidades de cada país, associadas a condições de contexto distintas e a perfis de especialização produtiva específicos, aconselham uma abordagem nacional diferenciada. De facto, ao passo que países como a Bélgica, os Países Baixos e a França se encontram particularmente avançados nesta transição (apresentando taxas de circularidade superiores a 20%), outros países ainda se encontram em fases iniciais, pautando-se por taxas de circularidade e níveis de produtividade dos recursos reduzidos.

Portugal adotou em 2017 o Plano de Ação para a Economia Circular (PAEC), estruturado em 3 níveis de intervenção: (i) macro, composto por ações de âmbito estrutural, que produzem efeitos transversais e sistémicos, potenciadores da apropriação de princípios da Economia Circular pela sociedade, (ii) meso, composto por iniciativas definidas e assumidas pelo conjunto de intervenientes na cadeia de valor de setores relevantes para o aumento da produtividade e utilização eficiente de recursos do país, e (iii) micro, composto por iniciativas promovidas pelo conjunto de agentes governativos, económicos e sociais, regionais e/ou locais, que incorporam o perfil económico local e o valorizam na abordagem aos desafios sociais.

Contudo, quando comparado com outros países europeus exemplares no que à transição circular diz respeito, Portugal evidencia um amplo espaço para progredir em termos de iniciativas políticas dirigidas às empresas (em especial às PME), sobretudo relacionadas

com o fomento ao envolvimento de stakeholders no processo de transição e no estabelecimento de dinâmicas cooperativas entre diferentes agentes económicos potenciadores de abordagens circulares (e.g. simbioses industriais). De facto, em Portugal, a taxa de circularidade fixa-se ainda em 2% (consideravelmente a baixo da média europeia de 12,4%), pondo em evidência a importância de criar incentivos efetivos e eficazes, sobretudo direcionados para o setor produtivo, à adoção de práticas e estratégias alinhadas com os princípios de circularidade. No domínio das energias renováveis (que também é um dos pilares da Economia Circular), o nosso país tem um excelente posicionamento internacional e tem capitalizado os excelentes recursos para o efeito. Precisa agora de ter o mesmo engenho para desenvolver todo o modelo de circularidade na economia. Tal como nas energias renováveis, Portugal tem um motivo muito forte para estar próximo da liderança: o país não é particularmente rico em recursos naturais e, por isso, tem uma excelente oportunidade ganhar competitividade através da inovação baseada na economia circular.



ANA CALHÃ
Secretária-geral
da Associação de Bioenergia Avançada

1. Acredito que olhar para a economia circular como uma oportunidade de transformar resíduos, considerados “lixo”, em matérias-primas viáveis para a produção de outro tipo de produtos, é a chave para resolver inúmeros problemas ambientais. Vivemos numa sociedade que produz muito lixo no seu dia-a-dia e o papel que a reciclagem tem vindo a representar, no que toca ao tratamento e reaproveitamento destes resíduos, é fantástico, mas podemos ir ainda mais longe. Já reciclamos plástico, metal, papel, cartão e vidro, mas existem muitos mais resíduos que podem e, acima de tudo, devem ser reciclados. Falo de óleos alimentares usados, borras de café, margarinas e molhos fora de prazo, entre muitos outros que, ao serem valorizados, são transformados em matéria-prima que produz energia, nomeadamente contribuindo para a produção de biocombustíveis de resíduos e outros avançados, capazes de fazer andar os nossos carros. Este, para mim, é quase que o apogeu da economia circular – olhar à minha volta, perceber que resíduos produzo no meu dia-a-dia e entender de que forma posso contribuir para a sua transformação num novo produto útil e, mais do que tudo, sustentável

2. Na Associação de Bioenergia Avançada (ABA), pretendemos promover a valorização da bioenergia avançada, mais especificamente, dos biocombustíveis de resíduos e outros avançados, que são produzidos através de resíduos como óleos alimentares usados, borras de café, molhos e

margarinas fora de prazo, resíduos de palha, entre outros. Uma vez que estes iocombustíveis recorrem aos resíduos, não só nos ajudam a diminuir a sua potencial pegada ambiental, mas também a promover a economia circular, uma vez que, não estamos a criar um produto novo, nem a explorar recursos, mas sim a reutilizar e transformar algo que já existe. No entanto, acredito que o contributo dos biocombustíveis de resíduos e outros avançados, pode ser ainda maior. Se pensarmos que apenas cerca de 40% dos óleos virgens colocados no mercado são valorizados e transformados em matéria-prima para a produção destes biocombustíveis, concluímos que cerca de 60% acaba em destinos de eliminação como aterros, oceanos e ETAR's – algo preocupante uma vez que um único litro de óleo é capaz de poluir mais de um milhão de litro de água. Se promovermos e sensibilizarmos o cidadão para a importância da recolha dos óleos alimentares usados, podemos ter impactos brilhantes no ambiente e na contribuição para a economia circular.

3. A grande evolução que trouxe o ano de 2021, segundo os dados disponibilizados até ao momento e referentes ao período até ao terceiro trimestre, foi o aumento do contributo das matérias-primas residuais para a produção de biocombustíveis. No último ano, das matérias-primas utilizadas na produção de biocombustíveis, cerca de 60%, eram de origem residual, como óleos alimentares usados e gorduras animais e mais de 10% de matérias-primas residuais avançadas. Este aumento é muito relevante porque significa que Portugal está alerta para a importância da economia circular e da valorização dos resíduos. Ainda assim, acredito que podemos ir mais longe, promovendo, por exemplo, misturas mais ricas, ou seja, uma incorporação maior destes biocombustíveis nos combustíveis disponibilizados ao consumidor. Atualmente, a medida standard é o B7, ou seja, 7% de biocombustíveis incorporados, neste caso, no gasóleo simples. A União Europeia já está a debater a passagem para o B10, mas este deve ser apenas um primeiro passo, porque, na verdade, o nosso objetivo é promover o uso de misturas cada vez mais ricas como o B15, B30, em veículos ligeiros, ou mesmo B100, no caso dos transportes pesados. Neste sentido, acredito que continua a ser necessário reforçar a mensagem de que investir nos biocombustíveis de resíduos e outros avançados é uma mais-valia não só para o ambiente, como também para a promoção da economia circular. Temos um longo caminho para percorrer, mas acredito que com as medidas certas e cidadãos ativos, chegaremos lá.



RICARDO MORGADO
Co-fundador
da The Loop Co.

1. Quando aplicamos princípios de economia circular à produção e consumo de produtos, pretendemos prolongar a sua vida útil, garantindo que continuam a suprir as necessidades para que foram criadas durante mais tempo ou que conseguem ser introduzidos numa nova cadeia de produção. Os prazos de validade dos produtos podem ser diferentes para cada um de nós. Quando este chega ao fim, o que é que fazemos? Um exemplo prático: um carrinho de bebé, que é usado durante um ano e é depois arrumado numa garagem. Provavelmente, por lá ficará vários anos, mas o seu tempo útil de vida foi de apenas um ano. Se conseguirmos que ele seja novamente introduzido no mercado, evitamos a necessidade de um carrinho novo no sistema. Se imaginarmos todos os produtos que utilizamos no dia-a-dia, tal como roupas ou até mesmo embalagens, é fácil perceber o impacto positivo de implementar estratégias circulares e criar infraestruturas para tornar os modelos de negócios mais circulares. Se o conseguirmos fazer estaremos a contribuir para um futuro muito mais sustentável e evitaremos certamente que muito do lixo que produzimos se acumule nos nossos aterros ou oceanos. Na The Loop Co. temos este objetivo de utilizar a tecnologia para acelerar a transição para uma economia mais circular e sustentável.

2. Uma das formas de potenciar a circularidade é criar canais circulares que permitam a revenda de produtos em segunda mão. Estes canais, para além do impacto positivo em termos de redução da pegada de carbono desses produtos, permitem gerar uma economia de partilha que gera poupanças para os seus utilizadores. Essa poupança tanto acontecesse na aquisição de bens mais baratos, mas de igual qualidade, ou através da venda que permite recuperar parte do investimento inicial. Pela nossa experiência com os projetos Book in Loop, revenda de manuais escolares e calculadoras gráficas, e BabyLoop, revenda de produtos de puericultura e decoração sustentável, é possível recuperar entre 25% a 40% na entrega de um produto usado e poupar diretamente uma média de 40% a 55% na aquisição de produtos reutilizados com garantia, quando comparado com o preço de referência novo. Ao adquirir bens em segunda mão os portugueses podem ter um produto com a mesma qualidade do que um produto novo, mas poupar uma percentagem do valor original e ainda contribuir para ajudar o planeta. É uma dinâmica vantajosa para todos.

3. O mais importante para fomentar este tipo de consumo é criar mais canais circulares. E isso

é válido para todos os setores, incluindo o da tecnologia. Inicialmente a reutilização era apenas um negócio de oportunidade que acontecia em certas plataformas. Hoje, é cada vez mais uma forma de consumo responsável e com cada vez mais adeptos. E são cada vez mais os modelos de negócio que permitem um processo de reutilização com escala, qualidade e segurança. A Vinted, a ThredUp, a Swappie, a MyCloma, a Forall Phones e, claro, a Book in Loop e BabyLoop são exemplos do “boom” que os canais circulares estão a ter. Mas o que será verdadeiramente game-changing será a instalação de canais circulares nos canais tradicionais de consumo, ou seja, que a reutilização aconteça nos sítios onde compramos os produtos novos. Exemplos como a “Buy Back Friday” da IKEA, o “Troathlon” da Decathlon ou a Levi's Secondhand são exemplos de como, acredito, a massificação dos canais circulares já está a acontecer.



LUÍSA VASCONCELOS E SOUSA
Country Manager
da Swappie em Portugal

1. Apostar numa economia circular significa, acima de tudo, contribuir para um consumo mais sustentável em termos ambientais. No que diz respeito aos smartphones, sabemos que cerca de 85 a 95% da pegada de carbono de um telemóvel é gerada durante o processo de produção, resultante da extração de metais preciosos da natureza e, consequentemente, da emissão de dióxido de carbono para a atmosfera. Neste sentido, optar pelo desenvolvimento da economia circular e, neste caso, através da compra de um smartphone reconcionado, é contribuir para a reciclagem responsável dos recursos existentes e evitar a emissão de quilos de gases nefastos para o planeta. Além disso, ao comprar um smartphone reconcionado, a vida do dispositivo é prolongada, os produtos químicos perigosos são mantidos fora do solo e os recursos valiosos são poupados. Por outras palavras, a compra de aparelhos reconcionados contribui para a redução da pegada de carbono e para a redução do lixo e desperdício eletrónico sendo, por isso, cada vez mais importante consciencializar para este tipo de hábito de compra.

2. Em termos monetários, ao comprar um smartphone reconcionado, dependendo das condições deste, pode haver uma redução de preço que se traduz numa poupança de até 40%, comparativamente a um mesmo modelo comprado novo. Ou seja, a relação qualidade-preço é um fator bastante atrativo, sendo, por isso, já um dos principais motivos que leva os consumidores a escolher este tipo de dispositivos. Além disso, o facto de haver cada vez mais preocupação com a sustentabilidade e o futuro do planeta, leva a que as pessoas procurem contribuir para uma

economia circular, através da procura de soluções de qualidade, mas que tenham também como propósito combater o desperdício e a produção em massa.

3. Para reverter a cultura do descartável há que educar e consciencializar para o impacto que o consumo eletrónico, de forma desmedida, pode ter no ambiente. Além disso, é importante desmistificar o preconceito que existe ainda relativamente à compra destes aparelhos tecnológicos, demonstrando as diferenças que existem entre comprar reconcionado e comprar em segunda-mão. Educar para a correta reciclagem destes materiais e conseguir ganhar a confiança dos consumidores é, também, cada vez mais importante. É preciso garantir que optar pela compra de um smartphone reconcionado é tão seguro e funcional como um novo. Além disso, oferecer uma solução que seja fácil, rápida e que proporcione uma boa experiência ao cliente, é igualmente muito importante.



THIBAUD HUG DE LARAUZE
CEO e Co-fundador
do Back Market

1. De uma forma geral, a nível ambiental, as grandes vantagens da aposta na economia circular são a redução de utilização de recursos e a diminuição do descarte de produtos para aterros, que se traduz numa diminuição das emissões de CO2. Num nível mais específico, mas que serve também para clarificar de que forma isto acontece, olhemos para o mundo do digital. Atualmente, o digital representa perto de 4% das emissões globais de carbono, a nível global, e a produção de eletrónica é responsável por perto de metade deste valor. Estima-se até que, em 2040, a tecnologia de comunicação seja responsável por 14% das emissões de CO2. Na outra margem do processo, mas contribuindo fortemente para os valores já apresentados, temos o lixo eletrónico. Em Portugal, existe, em média, um consumo de 220 mil toneladas de novos equipamentos eletrónicos e eletrónicos ao ano. Segundo a diretiva europeia que sugere a recolha de 65% da média dos equipamentos vendidos, nos últimos três anos, devíamos ter recolhido perto de 130 mil toneladas de lixo eletrónico, mas tal não se verificou. Além disso, apesar da reciclagem ser importante, não é suficiente. Especialmente quando estamos a comprar e a descartar novos aparelhos a um ritmo que não pode ser reciclado adequadamente. O descarte eletrónico é o fluxo de resíduos sólidos em mais rápido crescimento, batendo até o setor da moda. Os resíduos eletrónicos estão a aumentar em todo o mundo e existe ainda uma estimativa de que 57 mil milhões de dólares em ouro e outras matérias-primas, encontradas em componentes eletrónicos, são queimadas ou

despejadas, segundo o Global E-waste Monitor 2020 das Nações Unidas.

2. Em específico no mercado dos recondicionados, e no Back Market, os consumidores conseguem encontrar produtos com valores até 70% mais baixos do que aqueles que observam nos mesmos produtos quando comprados novos. E esta é outra das questões em destaque quando o tema é a economia circular: a democratização do acesso à tecnologia. O facto de os produtos recondicionados apresentarem perfeitas condições de utilização enquanto têm também preços consideravelmente inferiores, permite que um maior número de pessoas consiga aceder a qualquer tipo de produto eletrónico, seja um telemóvel ou um pequeno eletrodoméstico como um aspirador.

3. Antes de mais é necessária consciencialização, por parte das marcas e dos consumidores sobre os impactos das suas escolhas, para que se responda à urgência da alteração dos hábitos de consumo. De forma prática, a aplicação desta consciência ecológica pode ser transcrita no reconhecimento da real “validade” dos produtos tecnológicos, que é maior do que aquela que lhes atribuímos. Depois, e quando é mesmo preciso trocar de aparelho, devemos olhar as opções que temos no mercado. Soluções como as que apresentamos no Back Market, com os produtos recondicionados, devem passar a ser a primeira escolha. As opções de green tech precisam de ter maior presença no mercado, para que esta possibilidade seja também mais clara e aliciante, quando existe realmente a necessidade de consumo.

Depois, de forma particular no mercado dos recondicionados, é preciso que as pessoas estejam dispostas a experimentar estes produtos para perceberem que estes estão em perfeitas condições de utilização, passam por rigorosos testes para o confirmar e apresentam prazos de devolução e garantia. Como exemplo claro podemos referir que, até à data, reduzimos as taxas globais de defeitos dos produtos da plataforma para menos de 5%. Para referência, a taxa de falhas não oficiais de novos dispositivos ronda os 3% (veja-se o iPhone X e o iPhone 8 Plus, que saíram ambos no final de 2017, e registaram uma taxa de falhas de 3% no primeiro trimestre de 2018).



PAULO FREITAS
Diretor de Recursos Humanos
e porta-voz da Cash Converters

1. A economia circular é, de modo geral, o modelo de consumo mais amigo do ambiente e a forma mais inteligente de utilizar os recursos que temos. Consumir produtos em segunda mão é muito mais do que prolongar os seus anos de vida, é prolongar os anos de vida do próprio planeta. Práticas como a reutilização de produtos em segunda mão e a renovação de produtos antigos (em vez de os deitar fora) asseguram

que utilizamos menos recursos não renováveis, o que consequentemente, ajuda a reduzir as emissões de carbono para atmosfera (por exemplo, no ano passado, através dos produtos eletrónicos comprados e vendidos nas nossas lojas físicas em Portugal e Espanha, conseguimos atingir uma redução de mais de 24 mil de toneladas de emissões de dióxido de carbono para a atmosfera). Por outro lado, a economia circular promove ainda zero desperdício, o que significa menos lixo nos nossos oceanos e menos aterros sanitários. Para além dos benefícios ambientais, uma economia circular proporciona também benefícios para a sociedade e para o próprio consumidor. Devido à reutilização de materiais, desencoraja práticas como o consumismo, pois os seus produtos irão durar mais tempo. Garante o emprego dos reparadores e ao mesmo tempo, garante um aumento do rendimento disponível, uma vez que encoraja a compra de artigos usados e outras práticas mais económicas que reduzem substancialmente o gasto em produtos superfluos

2. Em apenas um ano, 2021, reutilizámos e vendemos mais de 2 milhões de produtos em Portugal e Espanha com qualidade e dois anos de garantia, o que permitiu proporcionar uma poupança na ordem dos 36 milhões de euros às famílias da Península Ibérica, mais 20% em relação ao ano anterior. Como tal, são cada vez mais os consumidores que optam por comprar produtos em segunda mão, pois começam a perceber a vantagem de ter um produto com a mesma qualidade e garantia de um artigo novo, mas por um preço significativamente menor, chegando a atingir os 80% a menos do que novo. Ou seja, poupam a carteira e também o ambiente.

3. A indústria da segunda mão necessita de investir em tecnologia, essencialmente porque a escalabilidade da proposta de valor sustentável depende disso. Na Cash Converters apercebemo-nos disso relativamente cedo o que nos permitiu desenvolver uma plataforma que possibilita a compra de produtos de segunda mão com garantia, segurança e envios muito rápidos, a pessoas que não vivem perto de uma loja física. A evolução deste sector passa pela crescente digitalização dos produtos e melhoria contínua da qualidade das descrições, das fotografias, da segurança na transacção e por último da confiança no vendedor (garantia).



BÁRBARA BACELAR FERREIRA
Direção Comercial e Comunicação
da Lactínios das Marinhas

1. Os princípios de uma economia circular baseiam-se na reciclagem, na reutilização e no reabastecimento. Estas práticas promovem uma política de não-desperdício que, consequentemente, resultam na redução da pegada ecológica, evitando desta forma uma crise ambiental. A Lactínios das Marinhas está perfeitamente alinhada com este princípio, e procura implementá-lo em quase todos os aspetos do seu modelo de operação. A Marinhas foi -uma das primeiras empresas portuguesas de lacticínios a construir uma estrutura

de tratamento de águas própria. Ainda, a Marinhas promove a reutilização dos pacotes de manteiga que são vendidos e distribuídos pelos restaurantes locais, no qual são lavados e enviados para reciclagem, proporcionando a diminuição do consumo de produtos de plástico. Este ano vão ainda ser colocados os painéis solares em todas as instalações da Marinhas.

2. A adoção da economia circular está diretamente relacionada com a diminuição da pegada ecológica. Neste sentido, com vista a evitar futuras crises ambientais, deve ser da responsabilidade de todas as empresas nacionais a preocupação ecológica. A adesão aos princípios da economia circular permite que a Marinhas contribua de forma qualitativa e quantitativa para a proteção do ambiente e para a redução da pegada ecológica, ao substituir o uso de energias sujas por energias limpas, ao reduzir o consumo de plástico (não usamos embalagens) e optar por

materiais recicláveis. A empresa Marinhas pretende não só contribuir para um futuro mais sustentável, como busca também proteger, dinamizar e promover a económica local e regional, procurando alternativas mais amigas do ambiente.

3. A Marinhas considera que Portugal poderá adotar duas abordagens para este tipo de economia. A par do trabalho que terá de ser desenvolvido ao nível das políticas públicas de incentivo à retoma/nova aposta na produção primária e respetiva industrialização nacional, de forma a ser possível diminuir a dependência do exterior, Portugal terá também de assumir um papel ativo na promoção e na consciencialização para estas questões. Apenas através da promoção e da educação ativa em todas as camadas da população será possível instruir hábitos de consumo sustentável e orientados para a economia circular.